

AS POSSIBILIDADES DA PSICOLOGIA ESCOLAR EM UMA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE: ATIVIDADE PRÁTICA ACADÊMICA

Jaqueline Fabbi¹
Ana Luiza Toaldo Nardi¹
André Marcos Spiecker Gasparin¹
Bruna Lunardi Belegante¹
Aline Bogoni Costa²

RESUMO

No presente trabalho apresentam-se compreensões construídas por graduandos da quinta fase do Curso de Psicologia, no componente curricular Psicologia Escolar, a partir de observações e entrevistas realizadas com idosos participantes de uma Universidade da Terceira Idade. A proposta da atividade ora descrita foi a inserção nesse campo de atuação profissional, possibilitando aos graduandos a prática de elaboração de diagnóstico e a formulação de possibilidades de estratégias de intervenção. Realizaram-se cinco momentos de observações das aulas e entrevistas com coordenadores do projeto. A partir dessas compreensões, explicadas com embasamento teórico acerca da educação de adultos, acredita-se ser possível criar estratégias para qualificar a forma de ensino-aprendizagem de cada instituição. Palavras-chave: Psicólogo escolar. Educação. Terceira idade.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho visou-se ao desenvolvimento de um projeto de observação e propostas de intervenção no componente curricular Psicologia Escolar da quinta fase do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Os programas educacionais, sociais e de saúde direcionados aos idosos buscam promover um envelhecimento equilibrado, bem-sucedido, em que os benefícios obtidos pela participação nas propostas ofertadas possam se contrapor aos declínios causados pela própria idade (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012). A universidade da terceira idade é uma alternativa para aqueles que optam por procurar conhecimento acadêmico após os 60 anos. Diante disso, para conhecer a prática da educação continuada para idosos, optou-se por uma Universidade da Terceira Idade, enquanto projeto de extensão de uma Instituição de Ensino Superior do Extremo-Oeste de Santa Catarina.

As aulas do Curso para os idosos acontecem nas quartas-feiras à tarde, com duração média de três horas. A grade curricular abrange temas diversos, como saúde, administração, culinária, turismo e lazer. No presente momento, ano de 2017, a Universidade possui cinco turmas, que integram alunos moradores da região Extremo-Oeste de Santa Catarina. Foram realizados cinco momentos de observações em duas turmas. Os estudantes-observadores puseram-se em duas duplas, as quais acompanharam uma mesma turma, sendo uma delas a primeira turma do projeto e a outra a que se encontra na metade do

¹ Graduandos do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; jaque_fabbi@live.com; ana.nardi@hotmail.com; andrespiecker@hotmail.com; bruna_lunardi25@hotmail.com

² Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; aline.costa@unoesc.edu.br

Curso. Foram realizadas entrevistas com professores, coordenadores e alunos, que falaram sobre sua experiência com a aprendizagem na melhor idade.

Por meio das entrevistas e observações, elaborou-se um diagnóstico, seguido de possibilidades de aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem na Universidade da Terceira Idade investigada.

2 DESENVOLVIMENTO

Nossos primeiros contatos e socializações ocorrem ainda na primeira e na segunda infância. A partir da Lei n. 12.796, de 04 de abril de 2013, todas as crianças acima dos 4 anos de idade têm direito à educação escolar gratuita; desde então, até os 17 anos de idade, o ensino básico é obrigatório. Nessa fase do desenvolvimento humano são notáveis os aprendizados nos diversos âmbitos da vida. A neurociência transborda de estudos sobre neuroplasticidade e processos de aprendizagem na infância e adolescência. Mas será que nossas possibilidades de aprendizagem se restringem a essa fase específica de nossa vida?

Conforme Reis, Petersson e Faisca (2009, p. 2):

A demonstração de fenômenos de plasticidade cerebral baseou-se, durante muito tempo, em estudos realizados com animais, sendo, nos humanos, limitada ao estudo de crianças nas primeiras fases do desenvolvimento. No entanto, o desenvolvimento recente de diversas técnicas de imagem cerebral tem permitido investigar populações particulares e, assim, ilustrar fenômenos de neuroplasticidade em diferentes períodos da vida e enquadrados em aprendizagens específicas. Estas investigações recentes têm revelado que o cérebro adulto pode mudar adaptativamente a sua estrutura (plasticidade anatômica) e a sua organização funcional (plasticidade funcional) em resposta às experiências diárias.

Assim, a neurociência comprova que indivíduos adultos idosos não estão à mercê da incapacidade de adquirir novos aprendizados e possuem condições biopsicossociais para novas aquisições, demonstrando demanda por oportunidades de novos aprendizados e experiências, como verificado na entrevista com a coordenadora do Curso de extensão da Universidade da Terceira Idade pesquisada, Janes T. C. Köhnlein, a qual apontou que a procura de vagas aumentou substancialmente desde o segundo semestre do programa, considerando que atualmente há 11 turmas ativas em diversos municípios da região.

Estudos trazem a informação de que a população idosa é a que mais cresce no Brasil. É preciso pensar, discutir e propor melhorias e oportunidades a essa faixa etária. Sabendo que atualmente não há muitos espaços de inclusão para idosos, é preciso refletir a respeito do assunto. Witczak (2005 apud COSTA; SOARES, 2009, p. 102) questionam:

Há reconhecimento para as pessoas na condição de aposentadas? Witczak (2005) afirma não se falar em mundo da aposentadoria como espaço socialmente reconhecido, mas simplesmente em aposentados. Devido a essa falta de "lugar", os aposentados habitam "lugares" inexistentes ou não-reconhecidos.

De acordo com Batistoni et al. (2015), a primeira experiência brasileira de educação para idosos foi implementada pelo Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo em 1960. O projeto visava ao desenvolvimento de potencialidades, novos projetos de vida e estimulava a participação do idoso na família e na comunidade. O espaço propiciou também a oportunidade de fortes interações sociais e melhor qualidade de vida aos envolvidos.

Além dos programas de Universidade da Terceira Idade existem grupos de idosos espalhados pelo País que contribuem para uma melhor qualidade de vida na velhice. Por meio dessas convivências, dinâmicas, danças e jogos o idoso vai interagindo e socializando, permitindo um espaço de apoio para promoção da qualidade de vida e superação das dificuldades. Nos processos ocorridos nesses espaços

de convivência, o idoso vai encontrando novos significados em sua vida, processando novas informações e buscando suas potencialidades, reconhecimento e aprendizado para com suas limitações (WICHMANN et al., 2013, p. 3).

2.1 TRABALHANDO COM A PSICOMOTRICIDADE NA TERCEIRA IDADE

Independentemente do momento da vida o ser humano busca autonomia, e isso não é diferente na terceira idade, visto que a autonomia e a independência contribuem para melhoria da saúde dos indivíduos. A Universidade da Terceira Idade contribui de modo geral para a manutenção desta, oferecendo conhecimento e subsídios para uma adaptação as suas necessidades (UNOESC, 2017).

Quando se fala em autonomia, refere-se à autonomia financeira, social, física, enfim, todas as possibilidades de ser autônomo. Entre essas possibilidades, uma muito importante é a psicomotora. Para Ferreira (2000 apud TEIXEIRA SILVA 2015, p. 15), “A Psicomotricidade é uma ciência do ser humano, interdisciplinar, que se preocupa com as condutas psicomotoras, melhoria e aprimoramento de si e eficácia nas ações da vida diária, que visa a manutenção das capacidades funcionais.” Para Pontes (2004 apud TEIXEIRA SILVA, 2015, p. 15), a psicomotricidade “poderá mostrar-se como uma mais valia nesta população, útil na prevenção e tratamento, na melhoria da sua motivação e qualidade de vida [...]” Com o avanço da idade adulta é comum que ocorra um declínio dessas funções, entretanto elas podem ser postergadas se houver condições favoráveis.

A ergomotricidade é o termo que se refere ao ligamento entre a ergonomia e a psicomotricidade, conceitos relacionados principalmente à fisioterapia e tema debatido no XII Congresso Brasileiro de Psicomotricidade. De acordo com Verthein e Minayo (2000 apud RIBEIRO, 2013, p. 46), a ergomotricidade é “uma aplicação da psicomotricidade no campo da ergonomia”, como uma nova abordagem aos problemas ocupacionais.

Para Couto (1996 apud RIBEIRO, 2013, p. 46), também é descrita como “o mecanismo de compreensão do homem de uma forma mais global na sua relação com o trabalho.” Nas observações, principalmente das aulas de informática, percebeu-se dificuldades em lidar com o mouse e instrumentos que exigem habilidade motora fina. A partir dessa demanda, a ergomotricidade vem a contribuir para que adaptações possam acontecer, considerando que a consciência do próprio corpo e sua relação com o meio, produzem bem-estar e, conseqüentemente, facilitam os aprendizados e a interação com o outro e com meio.

Por intermédio das observações, pudemos notar a maneira como os idosos prezam as atividades corporais, desde dança e hidromassagem até brincadeiras infantis, como as conhecidas em nossa região, morto-vivo e escravos de Jó. Estas estendem-se muito além do campo físico, pois abrangem outros âmbitos, como o psíquico. Dessa maneira, foi necessário adaptar as dinâmicas e jogos à realidade do idoso (RABELO; NERI, 2013, p. 57).

Ribeiro (2013, p. 47) afirma a respeito da ergomotricidade que “Ela irá constituir-se por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que, utilizando o corpo como mediador, permite abordar o ato motor humano com o intuito de favorecer a integração do sujeito consigo e com o mundo.”

Identificar seu corpo como um “mediador” significa a superação das atividades que facilitam a integração do meio com o sujeito, ou seja, é importante para desenvolver o processo de conhecimento corporal beneficiando suas potencialidades e descobertas por meio das ações movidas corporalmente.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE FAMILIAR PARA IDOSOS

O número de idosos no Brasil vem aumentando, o que está relacionado ao aumento da expectativa de vida, influenciando as configurações do País a respeito dessa população, fato que vem possibilitando a garantia de boas condições para um melhor desenvolvimento dessa fase de vida (WICHMANN et al., 2013, p. 2).

Em decorrência da idade avançada, muitos idosos enfrentam fragilidades que podem acentuar sentimentos de dependência, insegurança, baixa autoestima e preocupações. Entre essas alterações, a dependência é a mais comum, a qual gera a necessidade de um cuidador, papel exercido geralmente pela família na cultura ocidental.

Alguns estudos apontam a ocupação de cuidador de idosos como uma atividade exercida predominantemente dentro do setor informal de trabalho, por alguém da família e do sexo feminino (SILVA, 2004; BREWER, 2001; GARRIDO; MENEZES, 2004). No estudo desenvolvido por Karsch (2003), 92,9% dos cuidadores entrevistados eram do sexo feminino, sendo que a maior parte era formada de esposas (44,1%), seguidas pelas filhas (31,3%). A faixa etária encontrada nessa população era a seguinte: 59% dos cuidadores estavam acima de 50 anos e 41% tinham mais de 60 anos. Além disso, os dados também mostraram que 39,3% de cuidadores, entre 60 e 80 anos, cuidavam de 62,5% de pacientes da mesma faixa etária, o que mostra que pessoas idosas estão cuidando de idosos. (RESENDE; DIAS, 2008, p. 791).

O conceito de família não permanece estático e inalterado. Ao longo dos tempos, apresentam-se variadas concepções, indo do mais simples núcleo familiar ao mais complexo. A constituição familiar tem mostrado versatilidade ao se adaptar e sobreviver a esses momentos de mudança. Entretanto, com essa flexibilidade, políticas públicas devem dar voz à abertura de novos processos e programas voltados para a velhice, não sobrecarregando unicamente a família (RESENDE; DIAS, 2008, p. 793). As instituições devem complementar a família, ajudando-a com amparo social e cuidados com a saúde. Nas observações desta pesquisa foi identificado o papel das famílias como motivadoras para que os idosos ingressassem no Curso, constatando, assim, a sua necessidade de apoio da família.

O estigma do idoso o remete a um “peso”, “problema” e “algo descartável” por nossa sociedade. Suas experiências e vivências como pessoa são vistos como passado, e o seu futuro é a morte. Essa imagem associada ao idoso condiciona-o a um cenário de solidão, vivenciado por muitos em asilos ou dentro de suas próprias famílias, perspectiva essa que tende a mudar com a ocupação de mais espaços por este público (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2010, p. 60).

A morte é considerada como parte constitutiva da existência humana. É, sem dúvida, uma das poucas coisas de que temos certeza e sua imprevisibilidade obriga o ser humano a conviver com a sua presença *in memoriam* desde o início ao estágio final do seu desenvolvimento. (SILVA et al., 2007).

O envelhecer faz com que os indivíduos vivenciem perdas bastante significativas. Ao passarem por um processo de luto as pessoas ficam extremamente fragilizadas. Os idosos já possuem uma bagagem de vida em contextos diferentes, e o luto nessa fase se constitui em um processo diferente e que necessita de suporte. Tendo consciência de que a finitude se aproxima, muitos idosos temem a morte, exacerbando ainda mais a importância da vida em suas falas.

Assim, entende-se que trabalhar com o luto e a morte é uma grande necessidade nesse contexto, visto que muitos dos idosos observados ultrapassam os 70 anos de idade e poucos tiveram oportunidade de vivenciar um acolhimento.

2.3 MÉTODO

O método utilizado foi o empírico qualitativo, utilizando processo de observação do espaço alvo. A observação ocorreu na Universidade da Terceira Idade, nas turmas 4 e 2, em três quartas-feiras (26 de abril e 10 e 24 de maio de 2017), nas aulas de informática, oficina da memória e educação física. Dividiu-se o grupo em duplas, e, desse modo, cada dupla observou uma turma, tendo como justificativa observar a mesma turma em diferentes aulas e buscar uma percepção mais fidedigna das características apresentadas por esta e pelo contexto. Realizaram-se cinco momentos de observações das aulas ao todo e duas entrevistas com os coordenadores do projeto, sendo a segunda uma devolutiva após a intervenção.

Buscando não interferir na aula, porém tendo conhecimento de que “alguns métodos de pesquisa [...] supõem um mínimo de co-gestão, co-participação, entre objeto e pesquisador” (LOURAU, 1993, p. 55), a observação ampliou-se, e em todas as ocasiões atuou-se e interagiu-se com professores e alunos. Na aula de informática a interação com os alunos envolveu a orientação e a troca de conhecimento sobre as dificuldades vivenciadas no aprendizado do manejo dos computadores e internet. Nas aulas de educação física e de oficina da memória os observadores interagiram por meio da troca de informações e participaram das atividades escravos de Jó e morto-vivo.

A proposta da atividade descrita foi a inserção no campo da Psicologia Escolar, possibilitando aos graduandos a prática de elaboração de diagnóstico e a formulação de possibilidades de estratégias de intervenção.

2.4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E DIAGNÓSTICO

Os pontos mais relevantes e percebidos nas observações foram a ênfase na discussão em grupo, isto é, na troca de conhecimentos durante as aulas, e, assim, percebeu-se a característica receptor passivo na aprendizagem.

A motivação sustenta uma relação entre aprendizagem e desempenho; dessa maneira, o desenvolvimento das aulas vai se moldando e apresentando sentido e crescimento, visualizando esses elementos com base nas análises dos estudantes, que demonstraram estar motivados, apresentando vontade e foco nas aulas. Com destaque para essas duas características: grande foco e vontade de aprender, verificou-se que são aspectos centrais na individualidade desse Curso por parte dos alunos. No entanto, em alguns momentos se questionou a respeito da escolha dos temas abordados em sala de aula, e, a partir da conversa com alguns idosos, houve relatos sugestivos a novas possibilidades de componentes curriculares.

Com filtro para os aspectos mais observados nas aulas, a seguir são apresentadas, individualmente, as características que mais se destacaram em cada aula observada.

Nas duas aulas de informática acompanhadas o que se destacou foram a persistência em aprender e o foco, demonstrando dedicação para o aprendizado. Dentro desse ambiente pontos marcantes foram a associação com a realidade, trazendo significado para o motivo de aprender determinada ação, dando, assim, liberdade construtiva para a utilização desta, observada quando ocorreu a busca na ferramenta de pesquisa Google, em que os estudantes pesquisaram receitas de bolos, tipos e propriedades de chás, etc.; o suporte coletivo, os colegas se ajudavam e compartilhavam informações acerca do assunto; a dificuldade com coordenação motora fina, no manuseio do mouse e teclado, por exemplo; e aprendizagem no seu tempo. Por ser algo novo, alguns demoravam mais para captar, já outros haviam tido contato com essa tecnologia e mostravam avanço, havendo disparidade no tempo de aprendizagem.

Na aula de oficina da memória a particularidade foi dar voz aos estudantes. O ambiente, considerando a disposição das mesas e carteiras, lembrava as mesas de almoços em família tradicionais da região, constituindo um espaço acolhedor e que permite um contato mais significativo. A construção da aula se apresentou em uma ação conjunta entre os alunos e o professor, permitindo essa troca, estando o professor na posição de mediador. Nessa construção, buscou-se reavivar as lembranças por intermédio de objetos; na atividade de contar histórias, por exemplo, utilizaram-se elementos concretos para seu desenvolvimento, permitindo uma conexão entre os estudantes, por compartilharem histórias e objetos. No decorrer da atividade dois pontos chamaram a atenção: discussão mundo antigo versus atual, de modo tênue, porém relevante; e a consciência do encobrimento dos doentes antigamente, como pessoas com depressão e com deficiências. Finalizando a observação com uma percepção de um todo com natural agitação e alegria.

As aulas de educação física já começam com a desconstrução de ideias estereotipadas dessa matéria: a aula foi ministrada na sala de aula convencional e foi basicamente teórica. A aula envolveu e apresentou tipos de saúde e conexão entre estes, trazendo pontos essenciais, como a interligação das saúdes e a necessidade e efeito que cada uma atua no todo (ser humano). Na atividade escravos de Jó e na atividade modificada de morto-vivo, aplicou-se o conteúdo transmitido e gerou-se mais dinamismo na aula. Entremeio à matéria houve discussões sensíveis acerca de conhecimento do senso comum e questões sociais, no entanto de forma delicada e simples. Houve também a introdução e a discussão sobre Índice de Massa Corporal (IMC), alimentação e sedentarismo, conectando-os. No momento final de uma das observações os assuntos autoimagem e autoestima foram abordados.

Portanto, as observações demonstraram um contexto diferente de aprendizagem, trazendo um ambiente com abertura e conhecimento para o uso cotidiano. Com aulas bem diversificadas, foram propostas questões importantes para a vida dos idosos, caracterizando um ensino receptor não passivo, de suma importância para a motivação e a satisfação escolar, considerando a existência de sentido para a realização de um curso de extensão.

Percebeu-se o quão importante e significativa é a influência da Universidade enquanto produtora de potencial para ressignificação da vida do idoso por meio dos conhecimentos adquiridos, dos relacionamentos sociais e das possibilidades de planejar o futuro.

A aprendizagem é uma troca de interações e experiências, isto é, o modo como ocorre esse processo destaca as vivências de cada um e a sua realidade, compondo uma grade curricular que abrange questões de ensino e conhecimento palpável, possibilitando a construção de conhecimento que eles vivenciam e podem utilizar no dia a dia. Outro ponto positivo é a hora do intervalo, que possui um coffee break em duas salas para todos da Universidade da Terceira Idade. Esse momento permite a interação entre todos os envolvidos no Curso e permite um tempo para conversas e desenvolvimento de vínculos.

O que se percebeu em três observações, que acompanhava a mesma turma em aulas diferentes, foi uma estrutura de funcionamento amplo, complexo e eficiente. No entanto, um ponto a se considerar, talvez, seja a comunicação vertical, ou seja, a construção de uma grade conjunta entre os usuários do Curso. Também se pensou em um espaço para aprimoramento de trabalho com o público-alvo da terceira idade e abertura para os professores trocarem as experiências entre si.

A aula de informática proporciona o conhecimento de um novo estilo de vida e de uma ferramenta mundial, no entanto não permitia muita interação e troca de conhecimentos. Assim, a atmosfera da aula foi a mais diferente em comparação com as duas outras aulas observadas. A conexão com a aula e, até mesmo, a participação e o aprendizado eram outros. Entretanto, essa característica não é necessariamente um ponto negativo, já que a informática foi a única matéria, dentre as observadas, que eles não tinham um conhecimento abrangente e decisivo à construção da aula. Dessa forma, nessa

aula o idoso se apresenta como receptor passivo, e a em que apresentou maior dificuldade, já que a motricidade fina e o conhecimento cristalizado não estavam adaptados a ela. No entanto, o ambiente era de abertura a perguntas e dúvidas e continha alunos de ciência da computação para um auxílio mais individual. Percorrendo a abrangência da aula de informática, pontos a serem reconsiderados são a flexibilidade de tempo, já que se observou a necessidade para a execução de algumas etapas da aula, e a demanda que se configurou necessária por mais auxiliares.

2.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

As propostas de intervenção em Psicologia Escolar levam em consideração os aspectos descritos anteriormente, assim como as observações realizadas pelos autores do artigo e a revisão teórica. Apresentam-se as seguintes propostas:

Quadro 1 – Propostas de intervenção

PROPOSTA	DESCRIÇÃO	APLICAÇÃO
Plantão psicológico	<p>Atendimento psicológico, podendo ser ofertado por estagiários das fases finais do Curso de Psicologia, ou ser aplicado na matéria do Estágio Básico VI. Quando percebida demanda maior, o indivíduo será encaminhado para o SAP ou Psicoterapia.</p> <p>Assim como em todas as fases da nossa vida os idosos também passam por processos e por questões de sua psique que necessitam de cuidado e atenção. A implementação de um plantão psicológico dentro da Universidade da Terceira Idade teria como objetivo atender às necessidades emergentes da vida deles, como situações de estresse, desafios, sentimento que o indivíduo não está conseguindo entender, entre outras. Portanto, o plantão viria a acrescentar na vida acadêmica e pessoal dos idosos.</p>	<p>Psicólogos se fazer presentes ao menos uma vez ao mês ou o dia todo na Universidade para atender a essa demanda, podendo estender esse campo para estágios finais do Curso de Psicologia.</p>
Terapia de grupo para trabalhar o luto	<p>Tendo em vista que a tendência lógica do envelhecer também é passar por perdas significativas, essa proposta vem a complementar a grade curricular dos acadêmicos. Muitos dos idosos são viúvos e perdem pessoas importantes para estes. Sabendo da importância de uma rede de apoio forte e estruturada para suportar os empecilhos da vida, uma terapia do luto em grupo vem a acalantar a dor da perda, e a compreensão da morte na idade tardia.</p>	<p>Essa proposta é aplicada por um profissional da Psicologia com especialidade no trabalho do luto.</p>
Psicomotricidade fina e ergometria	<p>Durante as observações das aulas, principalmente de informática, percebeu-se a dificuldade dos idosos em trabalhar com ferramentas de precisão, como mouse e teclado, por exemplo. Tendo em vista o histórico de vida de trabalhos manuais e de contextos históricos que esses idosos viveram visualiza-se a dificuldade do manuseio de ferramentas modernas.</p> <p>Essa proposta resume-se em dois pontos principais: a aquisição e implementação de aparelhos mais funcionais para idosos, e uma unidade curricular de fisioterapia que potencializará o manuseio e a psicomotricidade fina.</p>	<p>Para essa proposta, faz-se necessário um técnico em segurança do trabalho na busca por aparelhos diferenciados e adaptados. Também é necessário um profissional da área de fisioterapia ou estudante que viria a contribuir com seus conhecimentos.</p>

<p>Seminário de construção do curso de extensão</p>	<p>Muitos idosos relatam o interesse em continuar os estudos. Dessa forma, seria importante a contribuição dos já formados e dos em formação para melhorar o Curso de extensão. Nesse espaço da faculdade os idosos encontraram novos sentidos e novos prazeres para o seu dia a dia. Essa proposta sugere um seminário, no qual todos os idosos que têm interesse em continuar o Curso possam se reunir e discutir uma nova grade curricular, juntamente com os gestores da Universidade da Terceira Idade, gerando autonomia e uma grade mais aberta às reais necessidades que eles percebem nesse momento de suas vidas. Satisfação e avaliação da Instituição.</p>	<p>É de fundamental importância a disponibilidade de gestores para organizar uma logística e elaboração de uma comissão constituída por pelo menos dois representantes de cada turma aberta até o momento. E assim, como num processo simples de negociação, todos juntos construiriam uma nova grade (possibilidades de oferta por parte da Universidade).</p> <p>É de mera importância a avaliação de satisfação e abertura para a construção de ideias e captação para o Curso.</p>
<p>Planejamento do envelhecimento</p>	<p>Essa proposta ocorre em um pensamento conjunto no planejamento do que fazer após o término dos estudos.</p> <p>Potencializar que eles construam juntos: onde investir esse conhecimento? Como aplicar? E como envelhecer de forma saudável com o que aprenderam?</p> <p>Existe uma verba destinada na prefeitura para o trabalho com idosos, no entanto há poucos movimentos com o costume de pensar na terceira idade em nossa região, além dos tradicionais já existentes.</p> <p>Muitos são mantidos apenas por interesse das comunidades, visto que a verba se mantém estagnada, e a comunidade é quem arca com os gastos.</p>	<p>Para esse processo ocorrer, pode-se utilizar professores da área de Psicologia, da saúde e também médicos.</p>

Fonte: os autores.

Todas essas propostas visam aprimorar o Curso de extensão para as novas turmas, assim como para aqueles que realizam a colação de grau ainda no ano 2017.

3 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa abrangeu-se a demanda observada dos participantes da Universidade da Terceira Idade. Estes apresentam uma grande vontade de aprender e de agir no meio, além de se relacionar com pessoas fora de seu convívio rotineiro. Vista a importância do apoio e da aceitação incondicional de familiares e amigos, os idosos se demonstram satisfeitos com o serviço que lhes foi ofertado. Eles contribuíram para a construção deste artigo.

Para que ocorra esse processo de aprendizagem é necessário que se reconheça que, com o passar da idade, os indivíduos modificam a forma de aprender, e a motivação para aprender, muitas vezes, gera um processo de troca de conhecimento e apoio. No entanto, isto não significa que esse público deve ser estigmatizado pela sociedade com a visão de um único objetivo: esperar a finitude. Desse modo, propor um espaço além do de costume “grupo de idosos”, propor uma melhora na saúde mental e psicomotora desses indivíduos, além do acréscimo a sua rotina é atuar no bem-estar dos cidadãos e permitir o aprender.

As observações demonstram a importância da construção de uma grade conjunta, elaborada pela coordenação e estudantes. A necessidade dos próprios idosos participarem da construção da grade curricular incluindo conteúdos que coincidam com seus interesses é relevante, considerando os relatos com algumas queixas a respeito da existência de componentes curriculares não tão ligados ao meio em que vivem e suas percepções.

A entrevista devolutiva com a coordenadora do programa, Janes T. C. Köhnlein, demonstra o real interesse dela para com o programa e sua funcionalidade. O destaque se dá na escuta aberta no recebimento das propostas elaboradas pelos pesquisadores e a compreensão de suas potencialidades.

Atenta-se para a maior participação ativa dos estudantes na construção de seu conhecimento. A troca de conhecimentos e experiências é, sem dúvidas, a melhor ferramenta de aprendizado. Assim, as propostas expostas neste artigo contribuem para a saúde mental, social, física e, principalmente, propõe o desafio aos idosos de se tornarem agentes de seus conhecimentos.

Para concluir, um breve poema de Sartre e Levy (1992, p. 37) a respeito do “ser velho”:

Nem todo mundo me trata como velho. Acho graça disso. Por quê? Por que um velho nunca se sente um velho. Compreendo, a partir dos outros, o que a velhice implica para aquele que a olha de fora. Mas eu não sinto a minha velhice, logo, a minha velhice não é algo que, em si mesmo, me ensine alguma coisa. O que me ensina alguma coisa é a atitude dos outros em relação a mim. Em outras palavras, o fato de que ser velho para outrem é ser velho profundamente. A velhice é uma realidade minha que os outros sentem; eles me veem e dizem “este velho senhor”; são amáveis porque vou morrer logo, e são também respeitosos, etc; os outros é que são a minha velhice.

REFERÊNCIAS

BATISTONI, Samila Sathler Tavares et al. **Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/45741>>. Acesso em: 18 maio 2017.

COSTA, Aline Bogoni; SOARES, Dulce Helena Penna. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 97-108, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2017.

FERNANDES, Priscila Matos. O idoso e a assistência familiar: uma abordagem da família cuidadora economicamente dependente do idoso. **Revista Novo Enfoque** 7.7, 2008. Disponível em: <<http://www.castelobranco.br/sistema/novo enfoque/edicao/artigos/7>>. Acesso em: 30 maio 2017.

LOURAU, René. **René Lourau na UERJ: Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1993.

BRASIL. Lei n. 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 04 abr. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm>. Acesso em: 18 maio 2017.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20022>>. Acesso em: 20 maio 2017.

REIS, Alexandra; PETERSSON, Karl Magnus; FAÍSCA, Luís. **Neuroplasticidade – Os efeitos de aprendizagens específicas no cérebro humano**. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Alexandra_Reis/publication/50809628_Neuroplasticidade_Os_efeitos_de_aprendizagens_especificas_no_cerebro_humano/links/57222add08aee491cb32e0a9.pdf>. Acesso em: 18 maio 2017.

RESENDE, Márcia Colamarco Ferreira; DIAS, Elizabeth Costa. Cuidadores de idosos: um novo/velho trabalho. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 785-800, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312008000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2017.

RIBEIRO, Olga Oliveira Passos. Ergomotricidade: dialógica entre ergonomia e psicomotricidade formando vínculos no posto de trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE. VÍNCULOS EM PSICOMOTRICIDADE: O REAL E O VIRTUAL, 12., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psicomotricidade, 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/9484094/Trabalhos_Cient%C3%ADficos_Temas_Livres_-Setembro_2013_-pag_1-144_1_XII_Congresso_Brasileiro_de_Psicomotricidade>. Acesso em: 30 maio 2017.

SARTRE, Jean-Paul; LÉVY, Beny. **A Esperança Agora**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SCORALICK-LEMPKE, N. N.; BARBOSA, A. J. G. Educação e envelhecimento: Contribuições da perspectiva life-span. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 647-655, 2012.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4858>> Acesso em: 20 maio 2017.

SILVA, Cátia Andrade et al. **Vivendo após a morte de amigos**: história oral de idosos. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a12v16n1>>. Acesso em: 22 maio 2017.

TEIXEIRA SILVA, Patrícia Andreia. **Competências cognitivas gerais e independência funcional em adultos dos 60 aos 75 anos de idade**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.utad.pt/handle/10348/6632>>. Acesso em: 18 maio 2017.

UNOESC. **UNITI, UMIC e UMIIX**. Disponível em: <<http://www.unoesc.edu.br/portal/uniti-umic>>. Acesso em: 12 ago. 2017.